

Os sentidos de alfabetização para os professores alfabetizadores

Jociane Stolf¹, Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig²

¹Universidade Regional de Blumenau (FURB)

²Universidade Regional de Blumenau (FURB)

jociane.fabio@gmail.com, otilia.heinig@gmail.com

Resumo. *Esse artigo está vinculado ao projeto de pesquisa A compreensão do letramento e suas implicações na educação que visa investigar professores que trabalhem na área da alfabetização com turmas de primeiro ano ou primeira série. O aporte teórico está ancorado em Bakhtin, Vigotsky, Cagliari, Cardoso e Teberosky. Nosso principal objetivo é analisar a concepção de linguagem que permeia a prática pedagógica do professor alfabetizador. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que se constituiu de um levantamento de dados norteado pelas seguintes questões: O que você associa com a palavra Alfabetização? O que significa Alfabetização para você? A coleta de dados iniciou-se com a escolha de um sujeito de cada município que fizesse parte da AMMVI (Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí) a fim de analisar através dos dizeres desses sujeitos qual era a concepção de linguagem que permeia a prática pedagógica do professor alfabetizador. A amostra é composta por oito sujeitos que representam dez dos quatorze municípios da AMMVI. As entrevistas ocorreram de forma não-diretiva e foram gravadas. A análise dos dizeres dos sujeitos aponta para uma descrição do que é ser alfabetizar e não há um conceito teórico de alfabetização.*

Palavras-Chave: Alfabetização, Professor, Saberes

Abstract. *This article is linked to the research project the understanding of literacy and its implications for education that aims to investigate teachers who work in the area of literacy classes in the first year or first grade. The theoretical contribution is anchored in Bakhtin, Vigotsky, Cagliari, Cardoso and Teberosky. Our main goal is to analyze the design of language that permeates the practice literacy instruction. It is a stamp of quality research that consisted of a survey of data guided by the following questions: What do you associate with the word beginning reading instruction? What does beginning reading instruction for you? The data collection began with the choice of a subject of each municipality that were part of AMMVI (Association of Municipalities of the Middle Valley of Itajaí) to examine through the words of those subject which was the design of language that permeates the teaching practice literacy instruction. The sample consists of eight subjects that represent ten of the fourteen municipalities of AMMVI. The interviews*

occurred on a non-directive and were recorded. The analysis of saying the subject points to a description of what is being literacy and there is a theoretical concept of beginning reading instruction.

Keywords: *Beginning reading instruction, Teacher, Knowledge*

1 Introdução

Desde os tempos antigos, o homem sentia a necessidade de registrar o que acontecia em seu meio assim como expressar os seus pensamentos, suas emoções e seus conhecimentos. Muitos foram os povos que criaram desenhos e símbolos que representassem o que hoje conhecemos por escrita.

Se voltarmos ao passado, nós iremos descobrir que os egípcios foram um dos primeiros povos a adotar a escrita como uma disciplina escolar. Para os egípcios, aprender a ler e a escrever era uma arte impregnada de encantamentos que atribuía poderes supremos, assim as pessoas que escreviam eram chamadas de escribas e se tornavam poderosos entre os demais da sociedade.

Foi através dos escribas que os egípcios conseguiram registrar a sua história e os seus conhecimentos na área da medicina e literatura, entre outras. Para os egípcios, as representações de escrita se davam por pictogramas que representavam objetos. Para que as crianças egípcias pudessem aprender a escrever, os métodos de alfabetização eram muito parecidos com os utilizados ainda hoje nas nossas escolas. O método era baseado na memorização, leitura, cópia e no ditado.

Por volta do século VIII a.C., os gregos criaram o seu alfabeto que representava a sua fala, já no século V a.C. o alfabeto grego possuía 24 letras que representavam as dezessete consoantes e as sete vogais. Os gregos utilizavam as letras maiúsculas para escreverem em pedras e as minúsculas quando escreviam em papiros. Com a criação do alfabeto, os gregos tornaram a leitura e a escrita mais acessível às pessoas, apesar de que, por muitos anos, a escrita ficou sobre o poder da igreja.

Após a sua invenção, a escrita tornou-se um código de comunicação determinado por uma sociedade. Esse código fez com que as pessoas tivessem que obedecer a regras para que quem escreva possa ser compreendido por várias pessoas em diferentes lugares e diferentes espaços de tempo.

Para que as pessoas pudessem escrever, era necessário que houvesse alguém que as ensinasse e, a partir disso, surge o professor alfabetizador, um profissional que, num primeiro momento, ensina a ler e a escrever. Alguns métodos de alfabetizar foram criados para facilitar o processo de aprendizagem. No Brasil, as práticas de alfabetização concentram-se no método fônico e global. De acordo com Capovilla e Capovilla (2002), a diferença existente entre os dois métodos é o foco do ensino. No método global, a criança é exposta ao texto escrito desde os primeiros dias, e espera-se que ela desenvolva as correspondências grafema-fonema sozinha. Já, o método fônico sustenta que, antes da criança ser exposta a textos, ela precisa analisar e refletir os sons existentes em sua língua e a diferença entre grafema e fonema.

Com o passar do tempo, descobriu-se que saber ler e escrever não eram as únicas habilidades que um indivíduo precisaria ter para agir de forma atuante na sociedade. Por volta da década de 80, o letramento começa a ser discutido por especialistas da área das ciências linguísticas e da educação a partir da publicação da

obra *No mundo da escrita uma perspectiva psicolinguística* de Mary Kato. Neste livro, a autora levanta a asserção de que a língua falada culta é consequência do letramento. Atualmente a palavra letramento já aparece no dicionário e assim é definida por Houaiss: “1- representação da linguagem falada por meio de sinais, escrita; 2- alfabetização (processo) 3- conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. No Brasil, coexistem os termos alfabetização e letramento, entretanto em outros países usa-se apenas um, por exemplo: em Portugal, literacia; nos países de língua inglesa, usa-se literacy e nos de língua espanhola, literacidad.

A palavra letramento tem sua origem do inglês "literacy" cuja representação etimológica é a de estado, condição, ou qualidade de ser *literate*, e este vocábulo pode ser traduzido como educado, especialmente, para ler e escrever. Dessa definição, é importante reter o aspecto centrado em “estado e condição”, pois é a partir dele que Soares apresenta seu conceito. Letramento “é [...] estado e condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, participam competentemente de eventos de letramento” (2004, p. 45).

Assim, como a história da humanidade muitas vezes passou por transformações, o Brasil está passando por uma fase de transição no sistema educacional, pois com a implementação da lei do ensino fundamental de nove anos, as crianças ficam um ano a mais no ensino fundamental assim as crianças com seis anos deixem de fazer parte da educação infantil e passem a fazer parte do ensino fundamental.

Para que o ensino de nove anos fosse obrigatório no Brasil, foi necessário haver uma mudança em alguns artigos da Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Foi alterada a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87, com as mudanças, a legislação referente ao ensino fundamental de nove anos consta na Lei federal nº 11.274, de fevereiro de 2006. A alteração precisou ser feita devido à idade que as crianças precisam estar matriculadas no ensino fundamental, pois passou de sete para seis anos.

Antes da implantação da Lei do ensino fundamental de nove anos, as crianças não estavam inseridas no sistema educacional do ensino fundamental, mas sim na educação infantil. Em algumas cidades do território nacional, as crianças da educação infantil têm o seu próprio espaço físico, administrativo e pedagógico totalmente desvinculado do ensino fundamental.

Para que os educandários do território nacional possam se adequar aos novos alunos, nessa mesma Lei citada anteriormente, Lei 11.274, o governo federal estipulou um prazo até o ano de 2010 para que as escolas das redes municipais, estaduais, federais e particulares se insiram no ensino fundamental de nove anos.

Agora, com a implantação da Lei, as crianças estão chegando com idade mais nova ao ensino fundamental, de sete anos passou-se para seis, e para que isso fosse possível, as escolas tiveram que adaptar o ambiente escolar fazendo algumas mudanças. Foram necessárias: mudanças físicas, carteiras e cadeiras menores, a construção de espaços onde a criança possa brincar e mudanças pedagógicas, profissionais qualificados para atender a essas crianças.

O foco nesse artigo é analisar, através do enunciado dos professores alfabetizadores dos municípios que fazem parte da AMMVI (Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí), como está sendo desenvolvida a aprendizagem da leitura e da escrita, não havendo uma grande preocupação no ensino de uma

metalinguagem, e sim nas concepções de gêneros textuais, voltando-se para as questões de letramento.

2 Material e métodos

Essa pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativo. Trata-se de uma investigação qualitativa na educação. Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 16):

As experiências educacionais de pessoas de todas as idades (...) tanto em contexto escolar como exteriores à escola, podem constituir objecto de estudo. A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. (...) Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, (...) Privilegiam essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

O levantamento dos dados foi norteado por duas grandes questões da pesquisa: 1) O que você associa a palavra alfabetização? 2) O que você associa a palavra letramento? Antes da coleta dos dados, resolvemos fazer um piloto para validar o instrumento da coleta de dados. Depois de realizado o piloto e verificado que o sujeito havia compreendido as questões, fomos à busca dos demais sujeitos que compõem a nossa amostra.

Os sujeitos que compõem a amostra são professores alfabetizadores, da rede municipal de ensino, que trabalham com alunos da primeira série ou do primeiro ano neste ano (2008). Todos os sujeitos entrevistados possuem curso superior em Pedagogia e uma das professoras Normal Superior. Dos sujeitos entrevistados, seis têm curso de pós-graduação. Cinco professoras atuam como alfabetizadoras por mais de 10 anos, apenas uma das oito entrevistadas estava tendo a sua primeira experiência na alfabetização quando foi realizada a entrevista.

Ao entrarmos em contato com os sujeitos e explicarmos o interesse que tínhamos em fazer uma entrevista, todos os sujeitos preferiram que realizássemos as entrevistas em suas próprias casas, exceto um sujeito que preferiu ser entrevistado na escola onde trabalha.

Como apenas um sujeito conhecia a pesquisadora, as entrevistas foram precedidas de um breve questionário, anexado a este artigo, no qual constam dados referenciais como: nome completo, data de nascimento, contato, formação acadêmica, escola em que atua, turmas em que já trabalhou. Após esse preenchimento, os sujeitos entrevistados receberam a letra da música “O caderno”, de Toquinho, pedimos que os sujeitos lessem a letra da música e após a leitura realizou-se, então, a entrevista episódica gravada que, posteriormente, foi transcrita e analisada.

Quanto a esse aspecto, a transcrição, seguiram-se às orientações de Marcuschi (1986, p.9)

não existe a melhor transcrição. Todas são mais os menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados.

A fim de preservar a identidade de cada indivíduo, optamos em retirar os nomes dos sujeitos e substituímos por números, por exemplo, S1 e assim por diante. Também não iremos relacionar a fala do sujeito com o município em que ele atua, já que alguns municípios em que foram realizadas as entrevistas só há um sujeito.

3 Resultados e discussão

A alfabetização por muito tempo foi vista na educação como a forma das crianças aprenderem a ler e a escrever, assim, uma pessoa que soubesse escrever o seu nome seria considerada alfabetizada.

Nos dias atuais, compreendemos que escrever o próprio nome é o início do processo de alfabetização, já que entendemos que o sujeito é rodeado por materiais escritos, cartazes, revistas, jornais, no meio em que ele vive. Esse é um dos motivos pelo qual a escola poderia proporcionar aos seus alunos mais a oportunidade da escrita, para assim, utilizarem a língua em uma situação real. Porém, além de escrever, é importante compreender o que está escrito, e é disso que surgem as discussões acerca de alfabetizar letrando. Para Soares (2003, p.12) há uma aproximação entre a alfabetização e o letramento:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A partir dos dados coletados, um dos sujeitos aponta em seu dizer uma aproximação da alfabetização com os conceitos de aprendizagem e aquisição:

Eu acho que nós somos alfabetizados desde o início [] do contato com qualquer material [] educativo, desde na verdade bebê, todas as palavras, tudo a gente aprende, eu acho, que a gente vai ser alfabetizados a vida inteira e aprendendo cada vez mais contudo isso[...](S1)

Quando S1 afirma que a alfabetização acontece desde bebê, em todas as palavras, ele se refere à aquisição da linguagem, um processo que não precisa ser ensinado, já que a criança ouve as pessoas a sua volta falarem e internaliza as informações para posteriormente produzi-las. Assim Vygotsky (2000, p. 104) afirma que a aquisição da linguagem “[...] é mais do que a soma de certas associações formadas pela memória; é mais do que um simples hábito mental, é um ato real e complexo do pensamento que não pode ser ensinado por meio de treinamento”.

Já na aprendizagem, que envolve a alfabetização, o sujeito precisa ser ensinado, por exemplo, quais são os grafemas que representam os fonemas utilizados por ele na fala. Na aprendizagem, ao contrário da aquisição, o sujeito precisa ter consciência e há repetições para a memorização do que é novo. Scliar-Cabral (2003, p. 41) sinaliza fatores para a aprendizagem da leitura e da escrita: “condições reais para que as crianças se tornem motivadas, experiência funcional prévia com material impresso, exposição a contextos narrativos e um contexto ensino-aprendizagem inteligente, onde professores e alunos em conjunto possam construir o letramento”.

No dizer de S1, pode-se analisar que o sujeito tem consciência de que o ambiente escolar não é o único que proporciona aprendizagem, que as experiências vividas formam o que chamamos de conhecimento de mundo. A importância de aprender a ler e a escrever é para que as pessoas possam exercer as suas práticas sociais. Para Freire (1990), a alfabetização deve voltar-se para a “leitura do mundo”, onde as palavras aprendidas são partes da “palavra-mundo”. Pode-se dizer ainda, uma prática com base na perspectiva do conceito de letramento que, de acordo com Tfouni (1995, p. 9), “focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita”.

*ALFABETIZAR? Alfabetizar é tudo o que o aluno traz consigo, nós temos que a partir do que o aluno traz o mundo que ele está inserido, hoje se fala muito em **alfabetizar letrando** né [...]. A alfabetização para mim::: é alfabetizar é mostrar o que o aluno já sabe, o que a criança já sabe, por que a criança já tem **conhecimento** só que ele ainda não foi desenvolvido então o professor **tem que fazer essa parte**, alfabetizar é isso aí. (S6)*

Desde que o termo letramento surgiu, alguns autores passaram a utilizar a expressão citada anteriormente, “alfabetizar letrando”. Através da fala de S6, analisa-se a expressão enunciada “alfabetizar letrando”, pois esta aponta para a heterogeneidade mostrada marcada, a heterogeneidade é, de modo geral, carregada pelo discurso do outro. Nesta fala, há sinais que apontam o local de onde provém a fala do sujeito enunciativo. Como lembra Authier-Revuz (1990, p.32), a heterogeneidade mostrada e marcada pode ser assim definida:

É toda forma marcada de distância que remete a esta figura do enunciativo, utilizador e dono de seu pensamento, mas esta figura é particularmente apresentada nas glosas de retificação, de reserva... que a especificam como juiz, comentador... de seu próprio dizer.

Outra questão que aparece nos dados, refere-se ao sujeito compreender que o letramento caminha junto com a alfabetização, sendo assim, à medida que a criança é alfabetizada, ela utiliza essa aprendizagem para as práticas sociais. Segundo Soares (2004, p.47) “[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”

Da mesma forma que S6 compreende que a criança possui um conhecimento antes de entrar na escola, Teberosky e Cardoso explicam o papel da escola da seguinte forma:

O papel da escola é ampliar e servir-se dos conhecimentos que as crianças já têm, torna-se evidente que devemos viver todas as situações e usar todos os recursos que não são apresentados e não descartá-los jamais por condicionantes como a idade (1994, p. 95).

S6, ao utilizar o verbo modalizador “tem”, expressa que cabe ao professor a função de transmitir conhecimentos, entende-se que, nessa visão, o professor detém todo o saber, e que o aluno é *tábula rasa*, ou seja, o conhecimento está fora do sujeito. Ele está na escola a fim de aprender o que o professor está preparado a transmitir. Teberosky e Cardoso (1994) propõem que, para que haja um aproveitamento de conhecimentos por parte dos alunos, é interessante que o professor faça com que seus

alunos reflitam sobre o que já sabem. Assim, a escola passa a ser um local de troca de informações e não um local onde há somente a transmissão de conhecimentos por parte do professor.

Da mesma forma que S6 compreende que o aluno está na escola para adquirir conhecimentos, S3 aponta, em sua fala, que a função da escola é preparar o aluno para o futuro:

Alfabetização pra mim? [] é ler e escrever quando não pode deixar de fora em uma boa linguagem, um bom conteúdo e que faça crescer né cada vez mais. (S3)

Com este dizer, atenta-se ao fato que o papel do professor alfabetizador não é apenas ensinar a criança a ler e a escrever, mas sim fazer com que o aluno compreenda que, dependendo de quem for o seu interlocutor, ele deverá se expressar de uma forma diferente, com uma fala ou uma escrita monitorada ou não-monitorada. Por exemplo: ao escrever um bilhete ou falar com um amigo ou com alguém que faz parte do convívio pessoal, normalmente as pessoas não se preocupam com o modo de falar e fazem-no naturalmente, ou escrevem de forma simplificada. Já, se a mesma pessoa for conversar com alguma autoridade, irá se preocupar em selecionar as palavras adequadas ao momento, e o mesmo acontece com a escrita.

Nesse sentido, S3 também aponta, em seu dizer, que o alfabetizador inicia um processo de crescimento, e que a cada novo ano e nova série esse crescimento irá aumentar e ajudar a criança a exercer a sua vida futura (adulta).

Ao sinalizar a questão da alfabetização, S4 tem consciência de que saber ler e escrever não são as únicas habilidades que os alunos devem desenvolver na escola, assim como relaciona em sua fala as novas discussões a cerca do conceito alfabetização:

Alfabetização como a gente tá agora está revendo o conceito de alfabetização que um tempo atrás, quando eu fiz o magistério e quando eu tava na faculdade alfabetização era saber ler e escrever e assim:: quando eu comecei com as primeiras turmas de alfabetização que eu trabalhei era com a cartilha , como a gente vivenciou né, na nossa época de escola e atualmente a gente tá vendo que alfabetização não é só isso. É:: sabe lê, escreve e interpreta o que está escrito.(S4)

Através da fala de S4, percebe-se que o sujeito compreende que, desde que iniciou a trabalhar como alfabetizadora, novos estudos foram sendo desenvolvidos, porém a formação do professor não depende somente da universidade, o sujeito carrega consigo métodos que ele mesmo vivenciou em seu processo de alfabetização ou escolarização. Assim, Tardif (2002, p.261) afirma que “os alunos passam pelos cursos de formação de professores sem modificar suas crenças anteriores sobre o ensino. E, quando começam a trabalhar como professores, são principalmente essas crenças que eles reativam para solucionar seus problemas profissionais”.

Dessa forma, compreendemos que, ao citar a cartilha como uma das ferramentas para a alfabetização, o sujeito não questiona o seu uso, pois também foi alfabetizado dessa maneira. Para Cagliari (1999), a cartilha é um instrumento artificial para o ensino da leitura e da escrita, já que ela incentiva a silabação fazendo com que os alunos acreditem que a leitura deva ser feita através de sílabas. Ao contrário da fala em que não há pausas, acentuação gráfica, a leitura silábica torna-se artificial em relação à

fala. Quanto à escrita, Cagliari (1999, p.89) afirma: “basta comparar os textos das cartilhas com os textos espontâneos das crianças para perceber imediatamente que os primeiros são ridículos e idiotas”. Assim, compreende-se a importância da produção textual das crianças na fase inicial de alfabetização, já que os textos espontâneos sinalizam para o professor o que foi aprendido e o que não foi compreendido.

Ao final do dizer de S4, na última frase, quando aparece o verbo de ligação “é”, nesse momento, o sujeito apresenta o significado de alfabetização através de seus saberes teóricos e da sua experiência docente. Traz-se para isso o dizer: “*sabe lê, escreve e interpreta o que está escrito*”. Com este dizer, o sujeito justifica que compreende o que é a alfabetização nos dias atuais (2008), não se resume somente a saber, ler e escrever.

Com essa afirmação, o sujeito apresenta o conceito de alfabetização funcional, ou seja, alguém que não somente decodifica o que está escrito, mas que consegue utilizar a escrita e a leitura nas atividades cotidianas como: na leitura de uma receita culinária, um artigo de opinião no jornal, uma placa de trânsito, entre outras. Para Soares (2004), apenas ler e escrever não é suficiente, é preciso exercer o uso da linguagem escrita na sociedade que o indivíduo está inserido. Da mesma forma, Brandão afirma:

Alfabetizar não é ensinar a *ler e escrever*. Alfabetizar é permitir que pessoas ampliem seus campos de diálogo com as outras pessoas dos seus círculos de vida através, também, do aprender a *ler e escrever*. A aquisição qualificada de habilidades funcionais de acesso e uso da palavra escrita é importante nesse processo de descobertas, mas não é a única aprendizagem essencial na alfabetização (2003, p. 219).

Com as discussões de que a escola não tem somente o papel de ensinar o aluno a decodificar, retomam-se as reflexões acerca dos vários métodos de alfabetização. Os mais conhecidos são: o método fônico e o método global. Como visto na seção anterior, o método fônico consiste em ensinar à criança, as relações de letra e som para que se relacione a palavra falada com a escrita. Já o método global, trabalha com textos e espera que a criança construa as suas peculiaridades (sílabas e fonemas).

Por algum tempo, acreditou-se que aprender a escrever e a ler eram suficientes para o ser humano exercer as suas práticas sociais dentro da comunidade em que esteja inserido. O tempo passou e percebeu-se que, além de ler um anúncio, preencher um talão de cheque era necessário que as pessoas soubessem mais do que ler e escrever, elas precisavam apropriar-se da escrita adequando-se às demandas da sociedade.

Entende-se, assim, que um indivíduo pode estar alfabetizado ou não, porém, mesmo alfabetizado ele não é necessariamente letrado, pois o letramento ocorre durante toda a vida do sujeito, assim o letramento não é um processo que tem fim, ele é contínuo.

Segundo Street (2003),¹ são dois os modelos de letramento: autônomo e ideológico. O modelo autônomo trabalha com a aceção de que o letramento, por si mesmo é autônomo, terá efeitos em outras práticas sociais e cognitivas. A alternativa, o modelo ideológico, oferece uma visão culturalmente mais sensível das práticas de letramento as quais variam de acordo com o contexto. Afunilando, pode-se dizer que o letramento é uma prática social, não simplesmente uma técnica e um esquema neutro.

Outros autores também se inserem na perspectiva social de letramento o qual é compreendido como:

um conjunto flexível de práticas culturais definidas e redefinidas por instituições sociais, classes e interesses públicos em que jogam papel determinante as relações de poder e identidade construídas por práticas discursivas que posicionam sujeitos por relação à forma de aceder, tratar e usar os textos e os artefactos e tecnologias que os veiculam e possibilitam. (DIONÍSIO, 2007, p. 1)

Partindo desse pressuposto, há que considerar que o que existe são letramentos a fim de abarcar a pluralidade inerente à linguagem e as suas práticas sociais em diferentes esferas como bem discutiu Bakhtin (2003). A essa visão é importante agregar a posição de Gee (2005, p 135) para quem a linguagem é entendida “como um elemento de totalidades maiores: elemento de múltiplas e sócio-culturalmente diversas formas de estar no mundo ou formas de vida [Discursos] que carecem de sentido se isolam dessas formas de vida”.

Para alguns professores que estão afastados da universidade há mais de 10 anos, como já mencionado na seção anterior, o letramento passa a ser um conceito novo, não familiarizado:

deixa eu pensar.

[]

*É:: que segundo o letramento é **tá vindo mais agora** é que agora é que ta mais se ESCUTANDO:: esse letramento , sei lá, **conseguir escrever tranqüilamente**, sem problemas, não sei, uma coisa assim. (S2)*

Quando S2 afirma, em sua fala, “tá vindo mais agora” ele nos diz que já ouviu falar sobre o conceito, porém ainda não construiu uma definição teórica sobre o conceito de letramento, ainda, na sua fala, ele tenta encontrar a definição afirmando que não tem certeza, mas talvez seja “conseguir escrever tranqüilamente”. Com essa afirmação, compreende-se que S2, mostra que tem conhecimento da importância que a habilidade da escrita tem nos dias atuais, e que essa deve ser construída com a criança desde o início do processo de alfabetização. Observa-se mais uma vez a fala de Teberosky e Cardoso:

[...] Inicialmente, compreender o processo de aprendizagem por que passa a criança desde o momento em que ela se depara com a língua escrita até quando chega a compreender as características, o valor e a função da escrita quando esta se constitui em objeto de sua atenção (1994, p.23).

S2, em seu enunciado, faz uso de **tranqüilamente** que, segundo Neves (2000) é um advérbio “afetivo ou atitudinal”, ou seja, indica que o sujeito está em um estado de espírito tranqüilo para escrever, ele sabe como escrever, não possui medo nem insegurança.

*Na verdade, [] a palavra ela é digamos [] entre aspas, é **nova**, mas na verdade ela vem correndo desde que saiu a alfabetização, que a criança para saber ler ela precisa entender o que está escrito. Porque senão, ela não saber fazer as outras coisas, como ela vai resolver um problema, se ela não vai compreender o que está escrito. **Porque não é só através da fala, através da leitura que você faz as outras matérias TAMBÉM irem a diante.** (S7)*

Como S2, S7 também afirma que já ouviu falar sobre letramento, mas ainda não possui uma definição concreta sobre o conceito, porém, ao enunciar o adjetivo: nova, o sujeito faz uso de um dos recursos normalmente utilizado na escrita “entre aspas”. Ao usar esse recurso de escrita, as aspas, o sujeito se refere ao fato de saber que o letramento vem sendo discutido há algum tempo, e compreende que, além de saber ler e escrever, a criança precisa compreender o que está escrito para utilizar no seu dia-a-dia. Com isso, o uso das aspas, serviu como um recurso para justificar que o letramento não é um termo novo, porém o sujeito possui certa carência em relação ao seu significado, tendo apenas uma visão geral do conceito de letramento.

S7, ainda, sinaliza em sua fala, que a leitura não deve ser apenas uma preocupação do professor de Língua Portuguesa, pois a língua é o instrumento de comunicação para as demais disciplinas. Assim, o letramento envolve tanto as práticas de leitura como as de escrita. Para Kleiman (1995, p.19): "Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos". Em texto posterior, a autora declara entender letramento "como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita" (1998, p. 181).

Assim, considera-se o dizer do sujeito uma aproximação das questões ortográficas da língua em relação ao letramento:

*Salada de frutas [] letrame::nto[] é eu **acho** que às vezes eu acho que é essa questão de salad de frutas que muitas vezes até a própria língua portuguesa coloca, hoje inclusive, nós conversamos em sala sobre a palavra ANEL, né, então assim, como nós estamos trabalhando com brincadeiras e brinquedos, então surgiu a palavra passa anel e nós ficamos pensando juntos do porque ser escrito com “l” e a gente lê com “u” se você fala, **geralmente você fala**, não é o que você fala não é aquilo que você deve escrever né, lá na turma do primeiro ano eles já refletiram sobre toda essa sistemática das regras da língua portuguesa e fora outras discussões em sala que acaba [] tendo. (S1)*

Ao utilizar o verbo “achar”, o sujeito afirma que não tem certeza do que é letramento. Posterior a isso, em sua fala, S1 relata um episódio de sua aula, em que os alunos e a professora discutiam o uso do grafema /u/ ou /l/ em uma determinada palavra. As reflexões realizadas em sala de aula dizem respeito às questões ortográficas e fônicas. Segundo Oliveira (2003) “alfabetização não significa somente ‘ortografar’ [...] significa ensinar a criança a relação entre letra/som”.

No ambiente escolar, a ortografia é tratada como uma forma de censurar os erros cometidos pelos alunos e, nas produções escritas, o ponto central da avaliação é o rendimento ortográfico e não a competência textual que o aluno possui. Segundo Morais (2001), a ortografia faz parte de uma convenção social e sua finalidade é contribuir para a comunicação escrita.

A partir disso, compreende-se que as crianças, na fase inicial de alfabetização, possuem dúvidas referentes à grafia de algumas palavras, isso ocorre, pois o sistema oral se difere do sistema escrito da língua. Observa-se, mais uma vez a fala de Morais (2001, p.19):

A ortografia funciona assim como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um

continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta.

Quando o sujeito afirma que “geralmente você fala”, ele não generaliza que todas as pessoas que falam a língua portuguesa o fazem da mesma forma, logo, compreendemos que S1 tem noção que, em nosso meio, há variações sociolingüísticas e que, dependendo do meio em que o sujeito esteja inserido, ele irá adquirir em sua fala traços de sua comunidade. De acordo com Mussalim e Bentes (2001 p. 10):

Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade lingüística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Observa-se, no dizer de S8 e S5, que eles compreendem o letramento como uma metodologia de ensino, em outras palavras, uma forma de ensinar:

O letramento? É Muito::: como eu vou te dizer [] aquele::: como eu posso dizer maçante sabe , a criança cansa, pra mim , não sei, sei que tem gente que se dá bem, tenho amigas, que elas trabalham assim e acham ótimo, eu já não consigo, eu não consigo trabalhar.(S8)

*Significa o quanto e onde eu vou conhecer a criança, para saber como eu vou **trabalhar** com ela. [] A partir do letramento de cada um que eu vou saber como ela tá, até que ponto ela tá e pra que lado eu vou poder fazer o meu plano entende?]*

P- [e:::

*a partir do letramento de cada um, cada um tem um diferente, **então tu vai tem que conhecer cada um, para montar o teu trabalho, o teu projeto.** (S5)*

A partir desse dizer, atenta-se ao fato de que o professor tenha há escolha de utilizar, ou não, em sua prática docente o letramento. S8 também afirma, em sua fala, que conhece o letramento, pois há pessoas a sua volta que utilizam as práticas de letramento no seu dia-a-dia. Encontra-se, em Teberosky e Cardoso (1994 p.51), que “[...] não é suficiente que o professor saiba o que tem que ser feito, mas ele tem que desejar realizar sua prática de determinada maneira”. Assim, compreende-se que, apesar da universidade ou os cursos de formação continuada, faz-se necessário trabalhar com os professores conceitos novos, metodologias, atividades no geral, pois o professor, em sua prática docente, às vezes, opta em ensinar da mesma forma que aprendeu quando era aluno.

Já S5 sinaliza a importância do professor conhecer seus alunos para o planejamento das aulas. normalmente, as salas de aula são compostas por trinta alunos, esses possuem cada um seu idioleto, ou seja, uma forma única de se comunicar, com características próprias de sua idade, comunidade onde está inserido, entre outros fatores. Desse modo, podemos concluir que as salas de aula não são homogêneas, e sim heterogêneas tanto na forma de se comunicar como na aprendizagem.

Portanto, há crianças que terão facilidade em determinados assuntos que outras terão facilidade. Por conseqüência disso, podemos afirmar que não temos um método ou

forma que pode ser adaptado em todas as escolas com crianças da mesma faixa etária, devido a isso cabe ao professor conhecer seus alunos e adaptar métodos de ensino de acordo com as capacidades de aprendizagem dos seus alunos. Para Teberosky e Cardoso (1994 p.25), o papel do professor consiste em “[...] coincidir a informação que oferece com a necessidade da criança.”

4 Considerações Finais

Todo o artigo foi guiado por duas grandes questões, primeiramente desejava-se compreender como o professor de língua materna vem desenvolvendo o ensino da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Outra questão norteadora foi: qual a concepção de alfabetização e de letramento que permeia a prática do professor que trabalha com as séries iniciais do ensino fundamental?

Os dados dos sujeitos apontam para uma descrição do que é ser alfabetizador, salientando as ações pedagógicas e os saberes da experiência. A compreensão de leitura e escrita oscila entre o viés normativo e o interativo, revelando a circulação dos discursos dos espaços formadores na educação básica.

Os sujeitos apontam para uma conceituação a respeito de alfabetização/letramento a partir das suas experiências de sala de aula enquanto professor e aluno. A discussão teórica acerca das questões mais recentes ainda não chegou aos sujeitos da pesquisa que não conseguiram produzir um conceito sobre os dois termos e focos de nossa investigação: alfabetização e letramento.

No entanto, cabe lembrar que, quanto ao letramento, por se tratar de um conceito teórico recente e os sujeitos da pesquisa terem, na sua maioria, acima de dez anos de formação, há uma carência em torno de uma formação continuada a fim de discutir a teoria/prática. Já, no que se refere à alfabetização, processo vivenciado por todos os sujeitos, há uma assimilação do vivido, mas não há reflexões em torno da produção acadêmica e do que se tem discutido sobre as proximidades desses dois termos.

Diante desse quadro, nova pesquisa se apresenta, focando o papel dos gestores da educação no que tange à formação de professores alfabetizadores. Como as secretarias municipais de educação têm se posicionado, na adesão ao ensino fundamental de nove anos, no que se refere à concepção de letramento e alfabetização a ser adotados como suporte teórico? Qual o foco na formação continuada e a sua relação entre as vivências pedagógicas, os aspectos legais e a base teórica apresentada pelo Ministério da Educação e Cultura?

Terminamos esta pesquisa trazendo as palavras de Bernardo (2000, p.101): “(...) quem escreve não bem responde, mas essencialmente pergunta, e por semelhante ato devolve ao mundo um sério exemplo de inquietação (...) O sentido acontece quando nossas respostas trazem nas costas, com carinho, novas perguntas”.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. In: Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, (19): 25-42. jul/dez. 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. 5. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora: 1994.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo : Scipione, 1999

CAPOVILLA, G. S. e CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: Método Fônico**. São Paulo: Memnon. Edições Científicas, 2002.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, 2001.

DIONÍSIO, M. L. **Literacias em contexto de intervenção pedagógica: um exemplo sustentado nos Novos Estudos de Literacia**. Revista Educação, v. 32, n. 1. Santa Maria, 2007.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.

GEE, J. P. **La ideologia en los discursos: lingüística social y alfabetizaciones**. Tradução castelhana de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, 2005.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96

LEI FEDERAL Nº. 11.114, DE 16 DE MAIO DE 2005. Altera a redação dos arts.30,32 e 87 da Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental aos seis anos de idade.

LEI Nº 10.172, DE 09 DE JANEIRO DE 2001. Estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE).

LEI Nº 11.274, DE 6 DE FEVEREIRO DE 2006. Altera a redação dos arts. 29,30,32 e 87 Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 1.ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**. São Paulo: Contexto, 2001. v. 1

MORAIS, A.G. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

NEVES, M.H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo : Ed. da UNESP, 2000.

OLIVEIRA, M.G.A. **A quem compete alfabetizar?**. In Anais V Encontro do Celsul. Curitiba, 2003.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, 26. Anped. 2003.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do sistema alfabético brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2003.

STREET, B. **Alternative Approaches to Literacy and Development**. Unesco Brazil Teleconference, October 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Um estudo experimental da formação de conceitos.** In *___Pensamento e linguagem.* 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** [tradução: Francisco Pereira]. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEBEROSKY, A; CARDOSO, B. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.** 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.1994.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

Anexo

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS A SER APLICADO JUNTO AOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA “A COMPREENSÃO DO LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO”

I PARTE: Identificação

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Endereço para podermos entrar em contato:

Rua: _____ N° _____

Bairro: _____ Município: _____

Fone _____

E-mail _____

FORMAÇÃO

Ensino Médio:

() magistério – habilitação para ensino 1.ª a 4.ª séries

() educação geral (antigo científico)

curso técnico

outro.

Qual? _____

Término em: _____

Graduação:

sim não

Se sim: concluída em andamento

Curso: Pedagogia outro: _____

Modalidade: presencial a distância

Aulas em sistema: regular (diariamente) finais de semana+ férias

outro: _____

Formado ou formando em : _____

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Escola em que atua:

Carga horária semanal: _____ horas

Tempo de serviço no

magistério: _____

Você leciona todas as disciplinas nas turmas que você trabalha? Sim Não

Série(s) em que atua no momento:

1º Ano 1ª série 2ª série 3ª série 4ª série

Quais disciplinas você leciona?

Você já trabalhou em turmas diferentes das quais você trabalha atualmente? Se sim, assinale a(s) série(s):

1ª série 2ª série 3ª série 4ª série

Você desenvolve alguma outra atividade na escola? Qual?

secretaria direção coordenação outras

Você tem participado de atividades de formação continuada? Quais?

cursos palestras seminários pós-graduação outras

Você tem o hábito de ler?

() Sim () Não

O quê? _____

Você tem o hábito de escrever?

() Sim () Não

O quê? _____

II PARTE: ENTREVISTA EPISÓDICA: pensando sobre a sua maneira de trabalhar em sala de aula

Leia a letra da música “o caderno”.

O Caderno

Toquinho

Sou eu que vou seguir você
do primeiro rabisco até o bê-á-bá
em todos os desenhos coloridos vou estar
a casa, a montanha, duas nuvens no céu
e um sol a sorrir no papel
Sou eu que vou ser seu colega,
seus problemas ajudar a resolver
te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver
Serei de você confidente fiel,
se seu pranto molhar meu papel
Sou eu que vou ser seu amigo,
vou lhe dar abrigo, se você quiser
quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
e você vai rasgar meu papel
O que está escrito em mim comigo ficará guardado, se lhe dá
prazer
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer
Só peço a você um favor, se puder:
Não me esqueça num canto qualquer

1. Que sensações e recordações a música traz para você?

2. Recordando o início de sua carreira, quando você pensou em entrar para o magistério?
3. O que você associa com a palavra Alfabetização? O que significa Alfabetização para você?
4. Qual foi sua primeira experiência com Alfabetização? Poderia, por favor, falar sobre isso?
5. Quais são as palavras que você associa com o letramento? O que significa o letramento para você?
6. De acordo com a letra da música que você leu antes, o que você pode associar com a sua prática diária?
7. O que significa leitura para você? Poderia, por favor, contar como são as suas aulas de leitura?
8. Pensando na escrita, comente como é o trabalho com o texto na sua sala de aula. O que Você faz com os textos dos seus alunos?
9. A lei de nove anos está aí. Qual é a sua opinião?